

A MANHÃ ANOROSA

Cançoneta
A S. A. B. D. P.

A Noite callada
As azas fulgentes
De estrellas ferventes
Começa a fechar.

() Dos antros frondentes
Dos bosques sombrios

Os Zephyros frios
Já sinto acordar.

() Dos antros frondentes Antros gruta, concavidade, toca H. Afric. Cant. V. Est. 60
Ou quedes do palto de Hybla florescente

E ainda em seus braços
Morfeu greguicoso
Seu corpo formoso
Se observa animar.

Tithonid os Céus abres,
Com dedos de Lordas,
E as leiras vicoras
Eis vem aljofrar.

Se recolhem nos antros de Abelhas,
A fabricar nas bem formadas cellas
Do favo o doce mel, e as ceras bellas.

Mas mais terminante do novo propósito Sterner outra
exemplo na Vlyria Colificacão do D.^m Gabriel Pen
na de Centro Cant. I. Cit. 76

Com verdes pavelhões, antros suaves,
Vestem frescas estancias, onde do vento